

E SEM ME DAR CONTA...

Alda Barros (São Tomé e Príncipe)

E sem me dar conta, o mundo parou
as ruas ficaram desertas e os sorrisos hibernados
escondemo-nos uns dos outros
de alma despida confinados na esperança
e nas canções de embalar perdi-me nas andanças.

E lá se foi a alegria pelas ruas abandonadas
de carros parados perante rostos incrédulos
adultos e crianças chorando por desprazer
atrelados à janela estamos em tempos de lazer
ao luar, há gente lavando as mãos, sem saber o que fazer.

Amargurados pela agonia do silêncio
inquietaos pela dor do confinamento
andamos todos em abraços fictícios
quantos idosos contrariados deixados à deriva
na idade para morrer aventam os imprudentes
haverá julgamentos no forte e no firmamento.

Acabaram-se as caminhadas lado a lado
juntos estamos desassossegados e sozinhos
fugindo do Covid-19, cambaleando sobre ninhos
passos incertos em largos sorrisos perdidos por aí
no despropósito das ausências das despedidas.

E sem me dar conta,
o mundo parou na nossa presença
e não nos abraçamos olhando para a lua

embalados na rotina forçada pelo Covid-19
que a todos impôs uma surda melancolia
fugindo da rua às custas de uma simples gritaria.

Sem que me desse conta marquei pontos
para embrulhar as quarentenas vividas em sonhos
muitos deles serão deixados nos passeios
se na calçada encontrar um mendigo alheio
sonâmbulo de máscara de cores diversas
encostado a um canto pedindo pão e água.

Do pão matará a fome e o Covid-19
e da água lavará os olhos, as mãos e os ouvidos
sedentos que baste, as mesmas mãos estendidas à multidão
um suspiro ofegante rompendo a madrugada
contra o meu fôlego intermitente
assobiando de desânimo por uma mente inocente.

A mente que guia as minhas alegrias
e impede que se note que o mundo parou
perdeu o comando e as fronteiras do sossego
pelo Covid-19 que nos impôs a sua presença
rondando matreira invadindo o silêncio
deixado para trás, amarrado a um lenço.